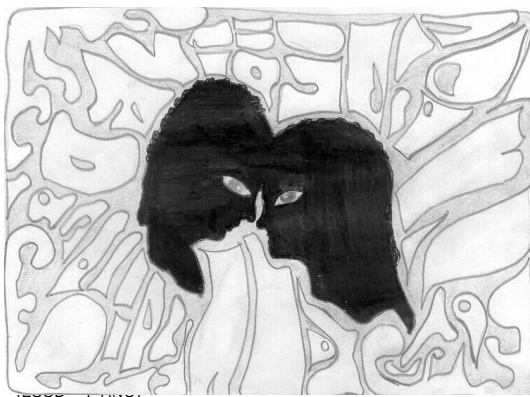




POESIA NA ESCOLA



Ana Raquel
(EB 2/3 Vilar de Andorinho - 7º ANO)

título
"POESIA NA ESCOLA"

coordenação
BE/CREs de Gaia Nascente

capa
José Barros (ESOD)

ilustrações
Ana Raquel (EB 2/3 Vilar de Andorinho)
Gisela (ESOD)
Joana (EB 2/3 Olival)

arranjo gráfico interior
Isabel Seca e J. Augusto Pinho (ESOD)

impressão
ROCHA/artes gráficas, lda..

tiragem
500 exemplares, Junho 2000

VOZ ACTIVA

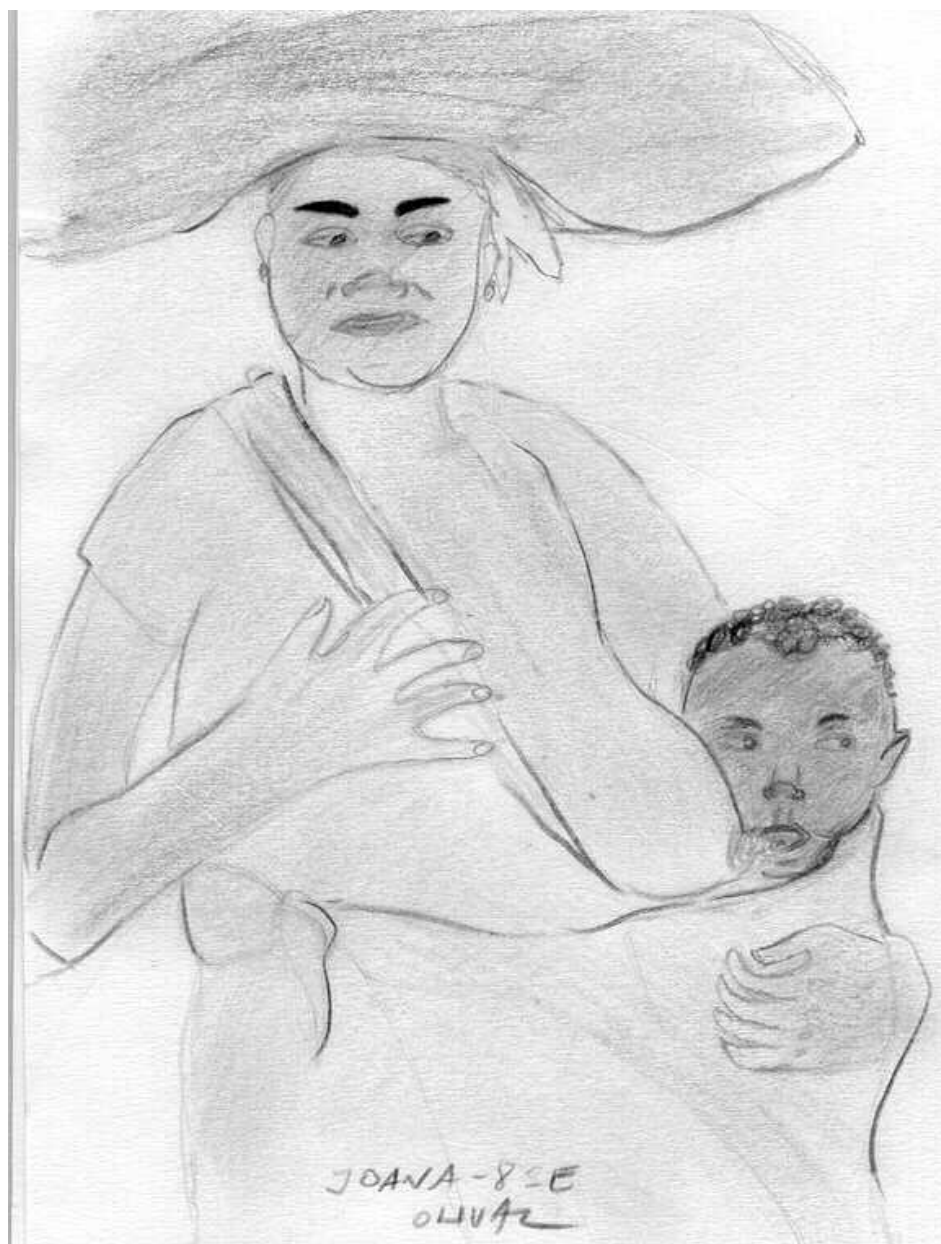
Canta, poeta, canta!
Violenta o silêncio inconformado.
Cega com outra luz a luz do dia.
Desassossega o mundo sossegado.
Ensina a cada alma a sua rebeldia.

Miguel Torga, in Antologia Poética

Esta pequena colectânea de “Poesia na Escola” é dedicada a todos os pequenos grandes poetas das nossas escolas que tão bem ousaram “cegar-nos” com outra luz o mundo à nossa volta, permitindo-nos criar, com cada um dos seus poemas, uma "casa" onde cabe tudo o que quisermos.

Este trabalho só foi possível graças ao espírito de colaboração que se tem vindo a fomentar entre Escolas dos 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário de Gaia Nascente, no âmbito da animação cultural das respectivas BE/CREs (Bibliotecas Escolares/Centros de Recursos Educativos), bem como ao entusiasmo manifestado pelos professores de Português e Educação Visual aos alunos no acompanhamento desta actividade.

A publicação desta edição deve-se ao apoio prestado pelo Pelouro da Cultura e Educação da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e à colaboração empenhada da Biblioteca Pública Municipal de Vila Nova de Gaia.



SOTAQUE DA TERRA

Estas pedras
sonham ser casa

sei
porque falo
a língua do chão

nascida
na véspera de mim
minha voz
ficou cativa do mundo,
pegada nas areias do Índico

agora,
ouço em mim
o sotaque da terra

e choro
com as pedras
a demora de subirem ao sol

Mia Couto, in Raiz de Orvalho e Outros Poemas
(Poeta Moçambicano)

O ANO DIVIDE-SE EM QUATRO

A Primavera

Primavera que aí vens
Flores e folhas também,
O sol brilhante,
Uma alegria radiante,
O calor chegou
O frio arredou.

O Verão

Verão caloroso
Verão amigoso
Aquece a areia
Brilhante e reluzente
Pôr do sol quente
Incendeia a alma
De toda a gente.

O Outono

Outono que passaste
Um tapete de folhas deixaste,
Uma tristeza imensa,
Um céu cinzento e triste
Uma rua vazia
É um pobre assistindo à
Sua própria melodia.

O Inverno

Inverno frio
Inverno doentio
A alegria definha
A tristeza espreita
O cinzento é a cor
Que bom que é
A lareira crepitar
A família juntar.

Ana Cristina Santos 9 anos
Escola EB 2/3 de Gervide – 5º ANO

DIZ - ME PORQUÊ?

Mãe, diz-me porquê?
Porque é que as aranhas fazem teias,
Que vejo no jardim da minha avó,
Nos caminhos onde passo,
Que não consigo entender
Com todo o esforço que faço?

Mãe, diz-me porquê?
Porque há fome no mundo?
Porque há luta na terra?
Porque não se pensa em paz?
Porque se pensa na guerra?

Mãe, tenho dez anos,
E há tanta coisa,
Que eu queria entender!
Porque é que a lua não cai?
Porque é que os peixes não se afogam?
Porque é que as flores têm tantas cores?
Porquê?
Tanto porquê que eu quero desvendar,
E que o meu pensamento não pode alcançar.
E tu mãe, porque não me queres ajudar?

Inês Filipa Carneiro 10 anos
Escola EB 2/3 de Gervide – 5º ANO
MENÇÃO HONROSA

BOA-NOITE, CÃOZINHO

– Boa-noite, cãozinho,
Aonde vais dormir?
– Vou dormir no jardim,
Ver as estrelas a sorrir.

– As estrelas a sorrir?
Eu também quero ver.
– Então anda comigo
Que ficas a saber.

– Ah! Como são bonitas!
Parece que estou a sonhar.
– Pensa que é verdade,
Que elas te vão acompanhar.

– Agora vou dormir
Que já está na hora.
– Pois tens razão,
Eu também me vou embora.

Ricardo André Pessol 11 anos
Escola EB 2/3 de Gervide – 6º ANO
MENÇÃO HONROSA

O PENSAMENTO DA MULHER

A serenidade do rosto iluminado pelo olhar,
Os cabelos tão escondidos,
Ou melhor, tanto a esconder.
O coração húmido na mão suave e seca,
A lágrima suspensa, no interior da alma,
Nunca sabe bem onde se detém a voz.
O meu amor é aquele que anda e vagueia pela noite,
Sozinho e jamais só
Dando todos os raios do seu sol ao homem,
E usando como única veste
A virtude da terra ao alto do pescoço.
O meu amor livre,
Condenado para sempre ao amor,
Como o mar,
A mensagem das águas,
Na água de todos os dias,
E a oração do sal ao peixe voador.
Sou uma criança entre a base e o cume,
Voltada para um só lado.
Às vezes,
Grito com tanta alegria
naquelas horas de presença da tua boca,
cada flor sem fim!
O arrastar dos passos fatigados,
De compreender, a castigar o solo

mas com a mesa posta,
e o leito engalanado.
Devoro a minha memória a grandes tragos de sol
Pulando nu sobre a ausência.
Pesquiso as palavras perdidas nas nuvens,
Sou o campo fiel da palavra Amor.
Com o amor ao luar intenso
Sob a chuva de pinheiros
É que conseguiste roubar o coração,
Os pensamentos, a alegria, o sorriso,
As noites e os sonhos, o corpo e a vida
E onde entrou o mais profundo do meu ser
Que circulou nas minhas veias
Com que amei e acreditei!!!

Ângela Cristina Pires 15 anos
Escola EB 2/3 de Gervide – 9º ANO

NA NEBLINA DO DESESPERO...

Na neblina do desespero
Só encontro os meus lábios
Que reclamam a vontade de te beijar.

Busco, na solidão do dia, qualquer semelhança
Com a tua parca existência...

Fecho momentaneamente os olhos
Na tentativa desesperada de te vislumbrar
Nos meus mais escondidos sonhos.
Apenas consigo imaginar o teu rosto desnudado
Que para mim sorri.

Tuas pálpebras encerram as mais lindas pérolas dos oceanos
O teu aroma encerra a escotilha da minha alma.
Transporta-me para um mar de tranquilidade
Onde só tu e eu existimos na nossa ilha do Amor.

Nem o roçar de uma ave azul no infinito
Nem o paladar do mel, nem o chilrear dos pássaros
Trazidos numa pauta pelo vento
Têm o mesmo significado da tua voz.

Veio-me de ti uma alma demasiado elevada
Para prender a minha atenção no que quer que seja
Ou pareceria vulgar.

Um romance é um espelho
Que fazemos passar lentamente ao longo de um caminho.

Quem disse à estrela o caminho que ela há-de seguir no céu
A fabricar seu ninho como é que a ave aprendeu?

A ti só os meus sentidos todos num confundidos sentem,
Ouvem, respiram em ti
A minha sorte, a minha vida em ti e quando vier a morte
Será morrer por ti.

Amor, onde estás que não te vejo ?
Estarias no beijo que me deram no ano passado?
Amor, onde estás que não te sinto?
Escondido num labirinto ou num abismo enclausurado?
Amor, onde estás que não te escuto?
Será que para te ouvir é preciso ser astuto ?
Ou será que, por seres pureza, te escondes, causando a tristeza
[a tanto coração?

Que eras tu meu ser, teus olhos a minha vida, teu amor, todo
[o meu bem ...

Ah! Não mo disse ninguém
Como no céu gira a estrela
Eu, no teu peito divino, vim cumprir o meu destino.

ESQUECIMENTO

Não consigo esquecer o que vivemos,
Sinto que meu coração está em tuas mãos,
Para lá da realidade, no fundo mais precioso da
Fantasia obscura do teu coração.
Será que estou a sonhar? Sentes o mesmo?
Será que apenas estou a viver sem objectivo
Que se consiga solidar neste mundo inconstante?
Se assim for, para quê ver o sol e a lua todos os dias?
A seta atravessou o meu coração,
Partiu-o ao meio e riu-se do desespero das
Lágrimas que corriam desordenadamente
Pelas entranhas da minha alma.
Como fogo que gela.
Para quê sonhar, se sei que lá no fundo,
Sei que o meu lugar no teu coração
Não será para lá do esquecimento...

Sílvia Filipa Ribeiro 14 anos
Escola EB 2/3 de Gervide – 9º ANO

MÁGOAS

Nas profundezas de um oceano
Escondi minhas mágoas !
Debaixo de uma árvore,
Escrevi meus poemas !
E neste mundo,
O que faço ?
No meio de tanta guerra,
agressão,
mantenho a minha canção,
longa e monótona,
doce e suave...

Joana Azevedo 12 anos
Escola EB 2/3 de Olival - 8ºANO

POEMA AO PAI

Pai,
desde que partiste
o meu coração escureceu,
senti o mundo numa guerra,
sem ti, tudo é uma grande tristeza.

Pai,
desde a tua partida
vivo em dor e solidão.
Se pudesses ler esta mensagem,
saberias o quanto eu sofro
e o quanto gosto de ti.
Felizmente, não podes ler, mas podes sentir.

Lúcia Dias 14 anos
Escola EB 2/3 de Olival - 8º ANO

SONHO

Foi há muito tempo atrás,
Eu e o meu sonho !
Ríamos, cantávamos
Na direcção do sul,
Andando, correndo
No mato
De mãos dadas,
Onde ninguém nos encontrava.

Vânia Patrícia Almeida 12 anos
Escola EB 2/3 de Olival - 7º ANO

O MAR

O mar é azul
É da cor do céu.
Tem muitas surpresas lá dentro!
Queres saber quais?
Peixinhos
Algas e golfinhos...
Baleias
Tartarugas e sereias...
O mar
É um lugar de encantar!

Isabel Filipa Ferreira Faria 10 anos
Escola EB 2/3 de Vilar de Andorinho – 5º ANO

A ESTRELA

Sem ela não podemos viver
porque é como o luar
quando todos morreremos
não nos vai abandonar.

Sempre a brilhar
ela é um belo ser
quando alguém está em perigo
ajuda-o a adormecer.

É tão bonita
que com ela tive um sonho profundo:
tentou ajudar alguém
e perdeu-se no mundo.

Acho que está tudo
porque de tudo já falei
sobre a estrela
que hoje à noite observei.

Cláudia Joaquina Machado Cruz 11 anos
Escola EB 2/3 de Vilar de Andorinho – 6º ANO

UM AMIGO

Abro a porta
Olhas para mim
“Queres entrar?”
Respondes-me “Sim”
Olho-te nos olhos
Vejo algo de “diferente”
Vejo em ti,
Uma pessoa carente.
Pergunto-me:
“Quem é ele? Será um amigo?”
Talvez sim.
Não o conheço de qualquer lugar
Mas senti nele
Um doce olhar.
Fala-me da sua vida.
É sozinho,
Precisa de amor,
Precisa de carinho.
Olhou em redor
Depois para mim.
Dá-me a mão
Sinto-me diferente.
Olho para o céu, há poucas estrelas.
Pergunto quem é ele a uma delas.
E logo responde “Um Amigo!”
Um Amigo é assim:
Fala de si, diz como é
E pronto.

Vanessa Joana Gonçalves Madureira 11 anos
Escola EB 2/3 de Vilar de Andorinho – 6º ANO

1º PRÉMIO

A NOITE

O que é a noite?
Um infinito mar?
Um lençol de pérolas douradas?
Ou a melodia de um doce canto?
Noite... palavra simples e bela
Como uma pedra preciosa
Que guarda todos os segredos nos seus confins
O que faz dela uma princesa misteriosa.
Noite... sereia de histórias e pensamentos
Livro grande e encantado
Onde a senhora lua escreve
Aquele doce e eterno fado.
Noite... manto escuro e celeste
Refúgio das sombras insubmissas ao Sol
Que as estrelas guardam secretamente
Sem perder uma delas desse suave rol.
Noite... manto bordado a púrpura
Feito pelos anjos dos céus
Que o teceram com todo o cuidado
Como se fossem os seus próprios véus.
Noite... porta de um enorme salão
Onde a eterna melodia
A melodia do amor
Tocará até ao nascer do dia.
Noite... ninfa dos poetas
Conselheira dos apaixonados
Princesa de milhentos castelos
Castelos todos eles encantados.
Noite... palavra secreta
Tão secreta como um tesouro
No fundo é um tesouro
Que enche todo o céu de ouro.

Ana Sofia Neves Moreira Alves 12 anos
Escola EB 2/3 de Vilar de Andorinho – 7º ANO

O AMOR CHEGOU

Quando a vi
Pela primeira vez,
Não queria acreditar.
Que beleza seria aquela
Que me estava a encantar?
Com tanta ansiedade
Comecei a delirar,
E com aquela rapariga
Fiquei a sonhar.

Quem era e de onde vinha,
Passei a perguntar,
Sobre aquela rapariga
De quem, um dia,
Passei a gostar.
Perguntas e perguntas
Era o que eu fazia
Mas respostas e respostas
Eu não recebia,
Pois sobre aquela rapariga
Ninguém nada sabia.

Dias e dias
Se passaram,
Até que os nossos olhares
Se defrontaram.
E uma coisa aconteceu,
Uma amizade se formou
A partir de uma conversa
Que logo depois se iniciou.

Só mais tarde reparei,
Num dia quando te vi
Que era mais que uma amizade
O que eu sentia por ti.
Era muito mais forte
E mais difícil de quebrar,
Era o amor do meu coração,
Que tinha acabado de chegar.

César Augusto da Costa M. Bandeira 11 anos
Escola EB 2/3 de Vilar de Andorinho – 7º ANO

ÁGUA AMARGA

Num riacho bem longínquo
Brilha uma gota de água.
Naquele infinito
Também corre
Muita mágoa.
Tristezas e mágoas
Que num riacho navegam
Talvez muito amargas
Ou apenas do tempo.
Mas no meio
De tanta tristeza
Avista-se uma flor
Desabrochada,
Apresentando o dom
Da beleza,
De uma pele delicada.
Talvez fosse o amor
Que naquele rio fluía
Ou simplesmente uma flor
Que ali também vivia.

Cláudia Raquel Nunes Martins 13 anos
Escola EB 2/3 de Vilar de Andorinho – 7º ANO
Menção Honrosa

SONHOS

Observei o renascer da Natureza. Todos os dias acontecia o mesmo: as árvores, o rio, o sol, os animais acordavam para um novo dia, e eu não me cansava de apreciar aquela tão bela paisagem que me rodeava, que me envolvia, que me fazia sonhar. O céu pintara-se de um azul mais intenso, fugindo no horizonte, à procura do infinito. O sol era a luz perdida no meio do intenso manto, que abraçava a Terra, estendendo-lhe os seus braços quentes e dourados, reluzindo mais do que o próprio ouro, aquecendo mais do que o próprio fogo. A brisa passeava no ar, cantando uma suave melodia, fazia dançar a copa das árvores e as borboletas que voavam pelo céu, tornando-o multicolor, enchendo-o de vida. O rio corria ligeiro pela encosta da montanha, caminhava pelos campos dourados, pintados pela luz do Sol.

Contudo, havia algo de diferente naquela manhã, algo que me cativou inesperadamente. Procurei no silêncio uma resposta, mas não a encontrei; nas águas do rio, tudo permanecia igualmente sereno; procurei no céu e a resposta estava lá, bem visível. Um conjunto de cores prolongava-se até ao infinito, onde dava origem ao branco. Era um arco-íris. Não sei o que destacou naquela paisagem, toda ela era bela, perfeita, repleta de harmonia e cor. Observei o arco-íris. Onde é que ele começava? Onde terminava? Talvez para além do horizonte. E o que era o horizonte? O limite do nosso olhar? Não, não podia ser. Este era ilimitado. Talvez o horizonte fosse, apenas, uma linha imaginária criada pelo homem, mas, para mim, ele era muito mais, ele era uma porta aberta para um novo mundo: o caminho para o Mundo dos Sonhos. E o arco-íris caminhava nessa direcção. Agora, eu sabia que ele acabava lá. Se eu conseguisse encontrar o seu princípio, podia guiar-me pelas suas cores e penetrar no mundo desconhecido dos sonhos.

Escutei o silêncio, talvez ele pudesse dar-me uma resposta. Mas onde estava o silêncio? Silêncio... Sempre falara dele com naturalidade. Era, para mim, uma palavra vulgar, mas agora descobrira que era algo de abstracto, e eu desconhecia o seu significado. Pensará que era uma palavrinha pequena, porém naquele momento, eu sabia que era tão vasto, amplo e infinito como o céu.

Tentei ouvir a canção da leve brisa. Não consegui! Não encontrei melodia alguma! Onde estava, onde se esconderam os seus sussurros, os seus suaves murmúrios? E a dança das árvores, onde estava? Não encontrava, apenas via os seus ramos, que se erguiam no céu azul, e as suas folhas verdes e tão brilhantes! Agora apercebia-me de que nada sabia sobre aquela natureza, porque ela era misteriosa.

Quando a noite chegou, bela, com os seus mantos escuros, o sol adormeceu juntamente com a natureza. Deixei de ver o arco-íris e sentei-me na relva verde e fresca dos campos. Para onde ia o nosso pensamento quando dormíamos? Tantas perguntas sem resposta! Quando acordava, imaginava o que teria feito durante todo aquele tempo em que estivera adormecida. Talvez não tivesse feito nada. Talvez tivesse feito tudo. Talvez durante o sono, as portas do desconhecido se abrissem e as perguntas dessem lugar às respostas, à evidência, àquilo que há de mais concreto. Talvez eu soubesse a resposta a todas as perguntas, mas elas estavam escondidas, e, para as encontrar, era preciso compreender a Natureza. Olhei para a estrela mais ínfima do céu imenso. Brilhava intensamente. Estaria ela a dar-me a resposta? Senti a brisa que se transformara num vento leve. Porque me envolvia ela? Escutei no silêncio o bater das ondas do mar. Por que razão a sua voz era tão bela, poderosa?

Agora tudo se tornava mais claro. O silêncio está sempre presente, ele envolve-nos com a sua melodia, mas é preciso saber escutá-la, muito mais que ouvi-la somente. O caminho do mundo dos sonhos desenhou-se no céu plúmbeo. Ele estava lá quando dormíamos, e nós penetrávamos na sua imensidão, nela perdíamos-nos, sonhávamos, e construíamos a realidade com as nossas próprias mãos, com a nossa imaginação. Agora eu sabia. O princípio e o fim do arco-íris eram o princípio e o fim da nossa imaginação. Por isso, era impossível encontrar os limites do arco-íris.

Quando, no dia seguinte, o sol penetrou na minha janela, acordei. Ao ver que me encontrava na cama, achei estranho. Dirigi-me até à varanda e olhei a cidade que acordara com o mesmo movimento de sempre. Os carros passavam a grande velocidade e as suas buzinas ecoavam no ar. Onde estavam as árvores, os campos, os animais, o rio? Onde estava a Natureza, o silêncio, a magia? Onde estava o arco-íris? Uma borboleta sobrevoou o céu. O meu olhar seguiu-a até que ela desapareceu no horizonte longínquo. Era a minha resposta. Tinha sido tudo um sonho.

NUM SEGUNDO

Levei muito tempo
para perceber que as horas
passam muito rápido
para os segundos que têm

porque num só segundo
eu podia entregar-te
todas as estrelas do céu,
toda a areia da praia,
todas as gotas do mar,
e toda a ternura do mundo.

Raquel Gomes Biltes 15 anos
Escola Secundária Almeida Garrett - 9º ANO
MENÇÃO HONROSA

VIDA

Falas-me ao tímpano da alma como um
murmúrio...E vejo nele o segredo das canções dos
búzios, quando a maré está baixa e o sol se
extingue, quando o tempo não é nada, e o nada
transcende tudo!

Porque me embalas, docemente? Que estranhas
magias escondes em teus feitiços? Ah ... tu és
noite escura escondendo-se em céu estrelado!
E eu tenho a cegueira de um barco sem remos, e a
loucura de um homem sem verdade...em que
misteriosa e vendada razão me vejo, enquanto
teus passos silenciam todas as vozes e queimam
todas as traições! E o silêncio é a voz dos mortos,
que perdura nos vivos.

Tudo és tu, em ti eu habito e me perco, em êxtase
e angústia... Sou mais uma borboleta procurando a
sua flor neste mundo de loucos, mundo sem
olhos nem rosto.

E eu quero fazer do teu vazio o cume da minha
escalada na Vida, e das tuas lágrimas o prazer de
poder fazê-las desaparecer à velocidade do
vento... Sim, mais que tudo eu quero a tua
felicidade, vivo sôfrega do teu sorriso!

Cristina Mariana Geadá Ventura de Sousa 18 anos
Escola Secundária Almeida Garrett - 12º ANO

1º PRÉMIO EX AEQUO

AQUI NO MEU QUARTO

Aqui no meu quarto, sou pássaro triste,
Pássaro que quer voar para ser livre
E abraçar o Mundo com suas asas de criança.

Mas o cerco aperta-se...
O passado afasta-se e o futuro atormenta-me
Já não sou como era!
Tenho medo de voar!
Toda a magia do mundo fugiu
Perante a fria realidade.

Neste lugar que chamo meu Mundo,
As paredes são de cristal e espelho
Tudo é frágil!
Tudo parece desmoronar-se!
Fecho os olhos e fujo à procura
Mas só vejo a realidade cruel.

Quero ser livre
Mas quero meus olhos de criança
Quero ver o fundo claro
Mas a inocência vai-se esvaindo
A inocência é malha que se desfez e não volta...

Aqui no meu quarto
Procuro-me no meio dos brinquedos
E nas gavetas do meu corpo que me traiçoa
Onde estarei?

Filipa Machado 15 anos
Escola Secundária Almeida Garrett - 10º ANO

MENINO

O menino tem
os cabelos rebeldes
as mãos sempre por lavar
e os joelhos sujos e esfolados.
Mas, nos seus cabelos
há reflexos de sol
nas suas mãos um castelo
de areia por construir
nos seus joelhos uma
maratona a conquistar.
Dos livros o menino recorta
as gravuras coloridas
o resto -
- o que está escrito -
não vale a pena saber.
E os homens,
que já esqueceram
tudo o que aprenderam,
procuram ensiná-lo a viver.
Mas é nos olhos do menino
que os homens hão-de
aprender.

Graciana Borges 18 anos
Escola Secundária Almeida Garrett - 10º ANO

(Escrevi este poema num daqueles dias de chuva, como todos os dias de chuva são para mim: nostálgicos; além disso, imaginei-me a escrevê-lo com 40 anos, ou seja, penso ser este o poema que escreveria aos 40 anos, acerca da situação em que agora me encontro, sobre o que sinto por ti neste preciso momento...)

RECORDANDO UM DIA DE CHUVA

Recordo um dia de chuva
no tempo das árvores nuas
memórias cheias de nada
apenas saudades tuas.

A chuva que molha a vidraça
o céu tristonho e cinzento,
a nostalgia que abraça
são-me a voz do pensamento.

Em cada gota que cai
há uma lágrima minha
a dor que rompe e que sai
amor que trancado tinha.

Agora que estás tão longe
recordo-te perto de mim
sorrisos que vencem lágrimas
a chuva chegou ao fim...

Lúgia Maria F. Almeida 16 anos
Escola Secundária Almeida Garrett - 11º ANO

MÃE

Eu sei que um dia
mergulhaste na escuridão
por mim.
Mas também sei que tu
me querias deixar viver por um dia.
Minha querida mãe
agradeço-te por teres feito isso por mim,
mas lembra-te que isso
te trouxe de novo o sofrimento.
Tu és para mim
a pessoa mais linda do mundo
e a minha grande amiga.
Quero que saibas que,
quando te grito,
não é para te magoar
mas sim para saberes
que sem ti
não teria chegado até aqui, hoje.
Ninguém, mãe,
te vai tirar o lugar.
No fim de todos estes anos
que passámos juntas,
sinto que estás
desiludida por aquilo
em que quero transformar minha vida.
Lutaste pela minha sobrevivência
mas, mãe, porque sofres tanto agora?
Será porque eu irei morrer,
ou por que não te perdoas?
Dirijo-te este poema,
não para te dizer que és minha amiga

ou a minha mãe,
mas sim para me perdoares
por todo o mal que te fiz
e que nem tu, nem ninguém acha certo.
Mãe, sê feliz mesmo sem mim,
porque sabes que eu voo
por céus não imaginados,
e que um dia,
irei ficar por lá.
Agora deixo-te;
espero que, para a próxima,
tu, mãe,
me dês um abraço
daqueles que me davas quando criança.

ESSÊNCIA

Uma mão vazia
Em que nada se pode ler,
O reflexo de um dia
Sem amanhecer,
Um movimento sempre parado,
Um Romeu nunca amado,
Um olhar estático,
Um poema nada enfático,
Um actor pouco dramático,
Um pássaro que não pia,
Um observador que não via,
Um poeta que não sente,
Um político que mente,
Um sábio sem ciência,
Uma mnemónica que esqueci,
Uma mãe sem paciência
O perto ali...
Tudo sem essência,
É como eu sem ti.

Maria João Rodrigues Dias 14 anos
Escola Secundária de Oliveira do Douro – 9ºANO
1º PRÉMIO

O TEU OLHAR

O teu olhar,
O mais belo que eu já vi,
Vicia-me de maneira tal
Que não penso em nada senão em ti...

Brilhantes...
Incandescentes...
Os teus lindos olhos
Encantam toda a gente!

Sou incapaz de resistir
A tão doce olhar...
Não o consigo impedir,
Quero-te amar!

Miguel Nuno Rodrigues Dias 12 anos
Escola Secundária de Oliveira do Douro – 7ºANO

POETISA

Há quem me chame poetisa...
Nesta existência.
Com a chegada do crepúsculo,
Espero com paciência!
Há quem me chame poetisa...
Quando o sol... se encontra
Abaixo do horizonte!
Quando molho meus lábios por toda a fonte!
Há quem me chame poetisa...
Quando transmito aos meus poemas,
A dor imensa que se sente por sofrer!
Quando luto e peço para nada perder...
Há quem me chame poetisa...
Quando ao mar com dor beijei,
Quando ao vento confessei
Quantas lágrimas... por ti derramei!
Há quem me chame poetisa...
Quando denuncio baixinho
Quem a esta dor me entregou
E cruelmente me machucou!
Há quem me chame poetisa...
Nesta existência!
Mas, será que sou!?
Questiono-me... sem paciência.
Quando a chegada do crepúsculo,
Dentro de mim sou...
Perguntei a mim mesma:
“Será que sou?”
poetisa

Filipa Silva 17 anos

Escola Secundária de Oliveira do Douro – 11ºANO

POETA NÃO É QUEM QUER

Tanta poesia li e estudei:
Camões, Bocage, Pessoa...
Tantos versos analisei!
Como é possível escrever assim?
Ai, quem me dera a mim!

Cada palavra – um mundo,
Que sentimento profundo!
Em cada estrofe tantas ideias!...
- Como estas vidas foram cheias!
Tudo certo ao pormenor.
E não falam só de amor,
Tratam da vida, dos amigos
E também dos inimigos.
Tudo ali está exposto:
A sua alegria, tristeza, desgosto,
Às vezes bem difícil de decifrar,
Cansamo-nos de perscrutar.

O verbo, o adjectivo e o nome
Antes ou depois, o pronome,
Tudo com significado
Para melhor ser contado.

Como é bonito assim sentir!...
Nunca serei poeta, tenho de admitir.

Maria Augusta Dionísio de Sousa 16 anos
Escola Secundária de Oliveira do Douro – 11ºANO
MENÇÃO HONROSA

VENTOS

Ventos da noite
Que derrubam estrelas...
Ventos do dia
Que elevam o sol...
Ventos do norte
Que gelam meu corpo...
Ventos de ira
Ventos de amor...
Ventos que te afastaram,
E como à pedra dura
Em grãos de areia transformaram...
Ventos que sempre voltaram
Para lembrar saudades
E avivar a dor...
Ventos que enlouqueceram tempestades
Modificaram marés
E vergaram o tronco mais forte...
Ventos que me dizem quem és...
Esquecendo a brisa quente que foste.

Rui Jorge Ramos dos Santos 15 anos
Escola Secundária de Oliveira do Douro – 10ºANO
1º PRÉMIO

ÍNDICES

Índice de títulos

VOZ ACTIVA.....	3
SOTAQUE DA TERRA.....	5
O ANO DIVIDE-SE EM QUATRO.....	7
DIZ-ME PORQUÊ?	8
BOA-NOITE, CÃOZINHO	9
O PENSAMENTO DA MULHER.....	10
NA NEBLINA DO DESESPERO.....	12
ESQUECIMENTO.....	14
MÁGOAS.....	15
POEMA AO PAI	16
SONHO.....	17
O MAR.....	18
A ESTRELA	19
UM AMIGO.....	20
A NOITE	21
O AMOR CHEGOU.....	22
ÁGUA AMARGA.....	24
SONHOS.....	25
NUM SEGUNDO	27
VIDA	28
AQUI NO MEU QUARTO	29
MENINO.....	30
RECORDANDO UM DIA DE CHUVA.....	31
MÃE	32
ESSÊNCIA	34
O TEU OLHAR.....	35
POETISA.....	36
POETA NÃO É QUEM QUER.....	37
VENTOS.....	38

Índice de autores

Ana Catarina P. C. Pedrosa	Erro! Marcador não definido.
Ana Cristina Santos.....	Erro! Marcador não definido.
Ana Sofia Neves M. Alves.....	Erro! Marcador não definido.
Ângela Cristina Pires.....	Erro! Marcador não definido.-12
César Augusto C. M. Bandeira.....	Erro! Marcador não definido.
Cláudia Joaquina Machado Cruz.....	Erro! Marcador não definido.
Cláudia Raquel N. Martins.....	Erro! Marcador não definido.
Cristina Mariana G. V. Sousa.....	Erro! Marcador não definido.
Filipa Machado	Erro! Marcador não definido.
Filipa Silva.....	Erro! Marcador não definido.
Graciana Borges.....	Erro! Marcador não definido.
Inês Filipa Carneiro.....	Erro! Marcador não definido.
Isabel Filipa F. Faria.....	Erro! Marcador não definido.
Joana Azevedo.....	Erro! Marcador não definido.
Lígia Maria F. Almeida.....	Erro! Marcador não definido.
Lúcia Dias.....	Erro! Marcador não definido.
Margarida Celeste G. Pedrosa.....	Erro! Marcador não definido.
Maria Augusta D. Sousa.....	Erro! Marcador não definido.
Maria João R. Dias.....	Erro! Marcador não definido.
Miguel Nuno R. Dias.....	Erro! Marcador não definido.
Raquel Gomes Biltres	Erro! Marcador não definido.
Ricardo André Pessol.....	Erro! Marcador não definido.
Rui Jorge R. Santos.....	Erro! Marcador não definido.
Sílvia Filipa Ribeiro.....	Erro! Marcador não definido.
Vanessa Joana G. Madureira.....	Erro! Marcador não definido.
Vânia Patrícia Almeida.....	Erro! Marcador não definido.

CONCURSO DE POESIA

1999 / 2000

segundo proposta do REGULAMENTO de J. Rafael Tormenta – ESOD